

Fernando Pessoa

[Cartas a João Gaspar Simões —28 Jun. 1930 ]

Apartado 147.

Lisboa, 28 de Junho de 1930.

Meu querido Camarada:

Como de meu costume, escrevo-lhe à máquina, mas assim lê-se. Teria gostado de ter falado mais consigo e com o José Régio quando tive a alegria de os ver actualmente; mas a pressa não deixou à ocasião mais que o privilégio da oportunidade. Digo o que lhes disse. Vou preparar, pormenorizadamente, o texto do primeiro volume — o dos poemas — das obras do Mário de Sá-Carneiro. Não foi só o caso, que lhes contei, de eu não ter encontrado durante algum tempo o livro manuscrito dos *Indícios de Ouro*; desejo confrontar esse texto com os vários textos parciais, que possuo em cartas do Sá-Carneiro, que me enviava de Paris os poemas à medida que os escrevia. Já fiz a busca das cartas, e já tenho quase todos os duplicados dos últimos poemas (só dos últimos é que se trata neste escrúpulo). Conto ter tudo pronto para, durante Julho, passar à máquina o volume de poemas em seu conjunto limpo. Espero levá-los a crer na existência extra-religiosa do milagre, pelo cumprimento desta minha promessa.

Há, também, o caso da minha colaboração para *Presença*. Repito o que lhes disse: o facto de eu não enviar colaboração constante não significa nada que alimente o raciocínio. São coisas entre mim e mim. Nunca vocês julguem, ou entrejulguem, que tenho qualquer *razão* para não enviar colaboração. É tão fácil supor atitudes em quem não é súbdito dessas desconformidades que tenho sempre receio do que se pense, embora nunca tenha receio do que se pensa.

Quando se publica o 27 da *Presença*?. Desejo enviar um dos triunfais do Álvaro de Campos e mais uma coisa de meu. Pergunto isto porque não sei se vocês suspendem agora até Outubro, ou se prosseguem, *quand même*, nos meses débeis.

Acabo de receber — acabo de receber literalmente — o número 26 de *Presença*, e por ele, e por coisas anexas mentalmente a ele, me ocorre pedir-lhe algumas informações que a minha curiosidade me solicita.

(1) O que foi o «manifesto a rir» que vocês publicaram a desrespeito da homenagem ao António Correia de Oliveira? Gostava que vocês me mandassem esses escritos, por episódios que os considerem, sempre que os produzam e publiquem.. Gostava que vocês se lembrassem sempre mais activamente de mim do que eu me lembro activamente das outras pessoas, embora esteja abundantemente com elas em alma. Paguem-me o mal aparente com o bem inteiro!

(2) Tinha muito empenho em conhecer o texto da conferência que v. fez no Salão dos Independentes. Supus, não sei com que fundamento instintivo, que ela viesse reproduzida neste número (o 26) de *Presença*. Vejo que, como sempre que tenho palpites, me enganei V. tenciona publicar em breve essa conferência?

(3) O que vem a ser o conteúdo de dentro de um manifesto, assinado por três dos rapazes vossos amigos e colaboradores, de que me deram um exemplar na Livraria Portugália? Tenho a noção de que a explicação deve estar no verso do manifesto; mas o verso está em branco.

A este último respeito, uma coisa me ocorre, mas não sei se me ocorre certa, porque não sei se haverá qualquer relação. Recebi, como você me disse que receberia, o livro *Rampa* do Adolfo Rocha. Passados uns dias — mais do que deveria ser — escrevi-lhe uma carta agradecendo o livro e dando, resumidamente, uma opinião. Como escrevi à pressa, para não demorar mais a resposta e o agradecimento, transferi a redacção para o Sr. Engenheiro Álvaro de Campos, cujo talento para a concisão em muito sobreleva ao meu. O resumo da minha opinião, de cuja expressão o citado engenheiro se encarregou, é de que o livro é interessante (é, realmente, muito interessante) como sensibilidade, mas imperfeito e incompleto como uso dela; e é o uso da sensibilidade, e não a própria sensibilidade, que vale em arte. Não deixei de ser elogioso, até onde pude sê-lo; para além de onde podia sê-lo, confesso que o não fui.

Recebi, pouco depois, uma carta do Adolfo Rocha, que me deixou, durante um quarto de hora, perplexo sobre se deveria ou não responder. A carta é de alguém que se ofendeu na quarta dimensão. Não é bem áspera, nem é

propriamente insolente, mas (a) intima-me a explicar a minha carta anterior, (b) diz que a minha opinião é a mais desinteressante que ele recebeu a respeito do livro dele, (c) explica, em diversos ângulos obtusos, que os intelectuais são ridículos e que a era dos Mestres já passou.

A carta não tinha, realmente, resposta necessária; achei pois melhor não responder. Que diabo responderia? Em primeiro lugar, é indecente aceitar intimações em matéria extrajudicial. Em segundo lugar, eu não pretendia entrar num concurso de opiniões interessantes. Em terceiro lugar, eu só poderia responder desdobrando em raciocínios as imagens de que, na minha pressa, o Sr. Engenheiro Álvaro de Campos se servira em meu nome; e isso me colocaria numa situação de prosa ainda mais intelectual e ainda mais de Mestre (com maiúscula) do que a anterior. Desisti. *Patere et abstine*, recomendavam os Estóicos.

Abraça-o afectuosamente o camarada admirador e grato,

Fernando Pessoa.

P. S. — Que quer dizer o nome «Vasco» de uma revista que se publica em Marselha?

28-6-1930

Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões. (Introdução, apêndice e notas do destinatário.) Lisboa: Europa-América, 1957 (2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1982): 44.